

**CONTOS, DEPOIMENTOS E MEMÓRIAS DE ESCRITORAS NEGRAS
BRASILEIRAS E MOÇAMBICANAS**

**TALES, TESTIMONIES AND MEMORIES OF BRAZILIAN AND
MOZAMBICAN BLACK WOMEN WRITERS**

*Ianá Souza Pereira*¹

DOI 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2018.153258

RESUMO: Este artigo pretende fornecer alguns elementos para uma reflexão sobre a criação literária de escritoras negras no contexto das literaturas de língua portuguesa e baseia-se na pesquisa do meu doutorado, a qual teve duas fontes de dados: o depoimento e a análise de obras literárias de escritoras negras, notadamente os livros de contos *As andorinhas*, de Paulina Chiziane, *Insubmissas lágrimas de mulheres*, de Conceição Evaristo, *Malungos e milongas*, de Esmeralda Ribeiro, e *Ninguém matou Suhura*, de Lilia Momplé. No estudo ora apresentado, discutiremos a escrita como ação política e a resistência dessas mulheres, que agem política e ideologicamente para descolonizar a história e as mentes de leitores, movimentando o espaço literário e seu discurso hegemônico.

ABSTRACT: This article aims to provide some elements for a reflection on the literary creation of black women writers in the context of Portuguese language literatures and is based on the research for my doctorate degree, which had two sources of data: the testimony and the analysis of the short novels

¹ Psicóloga. Mestre em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (FFLCH/USP). Doutora em Psicologia social (IP/USP).

books *As andorinhas*, by Paulina Chiziane, *Insubmissas lágrimas de mulheres*, by Conceição Evaristo, *Malungos e milongas*, by Esmeralda Ribeiro, and *Ninguém matou Suhura*, by Lília Momplé. In the present study, our intention is to discuss the act of writing as a political action and the resistance of the referred women, who act politically and ideologically in order to decolonize the history and minds of readers, rearranging the literary space and its hegemonic discourse.

PALAVRAS-CHAVE: Escritoras negras; Gênero; Raça; Classe.

KEYWORDS: Black writers; Gender; Race; Class.

Circuitos da pesquisa: uma introdução

Na pesquisa de doutorado “De contos a depoimentos: memórias de escritoras negras brasileiras e moçambicanas”², privilegamos temas referentes à movimentação social dos textos literários [contexto político, cultural e histórico das tramas, tal como se deixaram apanhar no interior de cada obra], a pobreza, a condição dos negros, a subordinação da mulher e vivências e respostas de mulheres a eventos ou circunstâncias de racismo e sexismo, respostas ao rebaixamento econômico-político longamente formado contra mulheres negras, o que necessariamente incluiu respostas à opressão e à reificação da mulher negra, à subordinação e aos atributos de coisa que lhe foram historicamente impingidos. Para tanto, nos debruçamos sobre contos e depoimentos de quatro escritoras negras contemporâneas e de língua portuguesa: as brasileiras Conceição Evaristo e Esmeralda Ribeiro, e as moçambicanas Lília Momplé e Paulina Chiziane.

² A Pesquisa teve como co-orientadora a Prof^a Dr^a Rejane Vecchia da Rocha e Silva, do Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da FFLCH/USP.

A pesquisa partiu de uma premissa inicial que se organizou em torno de questões levantadas por Virginia Woolf sobre os impedimentos para o surgimento de mulheres escritoras nas sociedades patriarcais. Lendo a pesquisa de Virginia Woolf sobre escritoras do século XIX, ficou clara para nós a sua discussão acerca das dificuldades para a produção de uma *escrita feminina* na delimitação temporal proposta pela autora, considerando que as mulheres encontravam obstáculos porque viviam em sociedades patriarcais, dominadas por homens. No entanto, há outras questões que se colocam quando não se trata de escritoras brancas - europeias e de classes abastadas, ainda que submetidas à opressão de um mundo hegemônico, burguês e masculino - mas de escritoras negras contemporâneas. Surgem aí os obstáculos levantados pelas próprias escritoras depoentes sobre a condição dos negros em sociedades dominadas por brancos e que precisariam ser considerados com densidade, uma vez que estruturam materialmente todo o funcionamento econômico, social e político do mundo contemporâneo. Há também que se pensar com densidade na pobreza do sexo feminino apontada por Virginia, nas mulheres como destituídas da propriedade do dinheiro, da falta de liberdade e de espaço na vida social. E ainda considerar que dentro das sociedades patriarcais e do Estado capitalista, há sempre, entre os dominados, aqueles que são ainda mais pobres, explorados e desqualificados e, portanto, mais oprimidos.

Mulheres brancas e homens negros têm condições de assumir o papel de exploradores e opressores. Os homens negros podem ser golpeados pelo racismo e pela classe social, mas seu gênero lhes permite oprimir e explorar mulheres. As mulheres brancas, mesmo pobres, têm os privilégios da branquitude e podem atuar como opressoras de pessoas negras, mas à mulher negra não resta outra forma que não a de explorada (HOOKS, 2015). Assim, as mulheres negras são as mais oprimidas, relegadas à inferioridade social, racial e de gênero dentro das estruturas econômicas capitalistas. Ora, sabemos que, quando se agrava o capitalismo, há também o agravamento do racismo e

do sexismo. Isso tudo lhes imputa sofrimento social e político e contribui para obstáculos maiores para tornarem-se escritora.

De acordo com o resultado de nossa pesquisa, a criação literária de escritoras negras representa vivências e experiências organizadas a partir de uma situação biograficamente determinada pela condição de serem mulheres e negras. Sustentamos que essas mulheres são autoras e intérpretes de sentidos e de significados de ser mulher, negra e escritora em sociedades de classes. Consideramos, portanto, que elas representam dois grupos sociais historicamente subordinados - mulheres e negros - e que vivem em sociedades ainda marcadamente constituída por três formas de dominação: capitalista, colonialista e patriarcal. Isso significa que são mulheres que tiveram de aprender a força necessária para resistir à desumanização que o capitalismo, o colonialismo e o sexismo lhes legaram. Mulheres que encontraram as potenciais qualidades da diferença social, racial e de gênero, especificamente as da marginalidade, como experiência estimulante, embora muitas vezes dolorosa, para criar textos literários. Tudo o que elas viveram, experienciaram e aprenderam tornou-se alicerce para a criação literária. Mas, existe, afinal, uma diferença profunda entre os contextos em que surgiram escritoras brancas e aqueles em que surgiram escritoras negras? Há uma diferença acentuada entre a escrita literária de mulheres negras e de mulheres brancas?

Se antes de Virginia, em seu tempo e pouco depois de sua morte estava fora de questão uma mulher branca ter *Um teto todo seu* (2014) para escrever, a realidade social e histórica para as mulheres negras era ainda mais restritiva. Além da pobreza, elas precisaram superar práticas racistas e estereótipos negativos para exercer a profissão, uma vez que foram acentuadamente silenciadas, desqualificadas e ignoradas como escritoras também por causa da cor da pele; mais do que expressa, a autoria de escritoras negras esteve sempre a reboque da coletividade negra.

Como as brancas, as mulheres negras estão sob as exigências e a tira-

nia do patriarcado, igualmente sujeitas a interrupções na carreira profissional em função da maternidade ou do matrimônio, mas também tendo de enfrentar o racismo, uma vez que a cor da pele é outro elemento que estabelece hierarquias. As mulheres brancas, quando escrevem, correm o risco de esbarrar em homens que ainda acreditam na inferioridade intelectual das mulheres; as negras, além desses, podem esbarrar em racistas. Segundo Virginia Woolf sobre o papel social das escritoras e de seu espaço, o fato de uma mulher escrever é comparável às Cruzadas ou à Guerra das Rosas.

No entanto, quando se trata de mulheres negras, escrever é ainda mais grave, porque seus enfrentamentos sociais e políticos são potencializados pelas relações racistas historicamente construídas dentro de realidades capitalistas de exploração do trabalho. Na exploração capitalista do trabalho, homens levam vantagem sobre mulheres em razão de seu sexo, brancos encontram vantagem na cor da pele e, se forem ricos, têm aí uma terceira vantagem (SAFFIOTI, 2015, p. 32). Evidentemente, tudo isso caracteriza a singularidade dos textos literários de escritoras negras, que exercem a profissão na contramão de um sistema desigual e excludente, no qual mulheres negras são as mais exploradas.

Os livros escritos por mulheres são, para Virginia Woolf, o resultado de muitos anos de pensar em conjunto, de modo que a experiência de todas que vieram antes e ousaram escrever está por trás da voz isolada de cada nova escritora. Assim também acontece com escritoras negras, mas estas puderam contar menos ainda com a tradição de uma escrita feminina negra. Tanto mulheres brancas quanto negras têm história e uma tradição de pensamento, um imaginário e um vocabulário que lhes conferiram realidade e presença no e para o mundo, mas, mesmo assim, como escritoras, as negras tiveram ainda que enfrentar a recusa do gosto pautado numa estética literária branca e eurocêntrica, dedicada ao culto dos valores androcêntricos e burgueses de seus respectivos países.

Para escritoras negras, escrever significou, antes de mais nada, dissolver os grilhões forjados pela tripla inscrição na inferioridade – de gênero, classe e raça – de modo que, de alguma maneira, essas mulheres tiveram condições de usar histórica e racionalmente a liberdade intelectual de escritoras para chegar a uma compreensão reflexiva do mundo na literatura, por meio de suas vivências e experiências, individuais e coletivas, e sob regime de autorização da fala. Quem pode falar numa sociedade patriarcal e racista? Se toda interdição tem, simultaneamente, um sim e um não, é pertinente responder a essa pergunta da seguinte maneira: o espaço na literatura foi uma conquista do grupo social negro. Há, portanto, para essa categoria de escritoras, uma responsabilidade intelectual, moral e ética com as questões ligadas a seu ofício e, é claro, a seu grupo social. Assim, elas escrevem a partir de um ponto de vista marcado ética e politicamente pelo compromisso com seu grupo social. Elucidam na escrita um ponto de vista de pessoas negras.

Nesse sentido, era imperativo acrescentar ao contexto apresentado por Virginia Woolf (2014), na conferência que deu origem ao livro, a questão da pobreza histórica das mulheres atrelada à questão racial, para então trabalhar contos e falas de escritoras negras: mulheres que tiveram de vencer a pobreza, que, nesse caso, não é apenas falta de dinheiro, mas também desigualdade social e política frente aos homens e aos brancos. Mulheres que certamente não desfrutaram de espaço e nem de grandes somas de dinheiro para exercer a vocação de escritora. Para Virginia (2006), são mulheres que certamente não puderam contar com a liberdade e a paz necessárias para escrever ficção (WOOLF, 2006, p. 147), mas que mesmo assim escreveram e ainda escrevem. Mulheres que nem a pobreza material, nem as amarras de sociedades patriarcais e racistas impediram de desenvolver seu dom de escrever. Mulheres que se fizeram livres para e com a escrita. Enfrentando a verdade de que a literatura foi muito depauperada pelas portas fechadas na cara das mulheres (WOOLF, 2006, p. 121) – e dos negros.

Não se pode compreender o lugar social de escritoras negras nem lhes fazer justiça social sem admitir o capitalismo como uma estrutura de poder por meio da qual homens e brancos lograram manter e reproduzir, política e ideologicamente, a dominação de mulheres e negros. E deixar igualmente claro que o racismo é um elemento estrutural³ e estruturante de relações sociais desiguais, em que não se discrimina o homem particular, mas uma coletividade inteira e sua maneira de existir no mundo. Contudo, importa destacar que não consideramos classe como categoria mais importante:

Claro que classe é importante. É preciso compreender que classe informa a raça. Mas raça, também, informa a classe. E gênero informa a classe. Raça é a maneira como a classe é vivida. Da mesma forma que gênero é a maneira como a raça é vivida. A gente precisa refletir bastante para perceber as intersecções entre raça, classe e gênero, de forma a perceber que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas. Ninguém pode assumir a primazia de uma categoria sobre a outra. (DAVIS, 2011)⁴

Como já fora apontado por Virginia Woolf, durante muito tempo as mulheres foram privadas do direito à literatura. E não apenas do direito de ser leitoras, mas sobretudo do de exercer a profissão literária. É preciso atentar para o fato de que a condição econômica, social e cultural da maioria das mulheres negras raramente permitiu que elas usufríssem do direito ao tempo de contemplação do belo e da arte. A disciplina e o ritmo de trabalhos subal-

³ Racismo estrutural como discutido por Silvio Almeida em seu livro *O que é racismo estrutural?* (2018): o racismo como parte da estrutura social, e não apenas como ato intencional individual. Como produto de uma relação social presente no interior de uma estrutura social marcada por conflitos e antagonismos; e que determina a ordem da economia, da política e do direito de uma sociedade, com transmissão de privilégios e violências racistas e sexistas. O autor frisa a relação de poder que reproduz e mantém brancos e homens como privilegiados na vida social.

⁴ Artigo “As mulheres negras na construção de uma nova utopia”, publicado no portal *Geledés - Instituto da mulher negra*. Disponível em: <www.geledes.org.br>. Acesso em: 28 dez. 2018.

ternos sempre absorveram o corpo e a mente das mulheres negras, um trabalho invisível, pouco remunerado e nada reconhecido, imposto pelo simples fato de serem mulheres e negras. E desse trabalho depende, estruturalmente, todo o funcionamento da sociedade, pois são elas que alimentam, cuidam e limpam a maioria dos lares das classes abastadas, além de cuidarem dos próprios filhos e de suas habitações. Urge considerar que o tempo das mulheres negras é comprado para que elas cuidem do outro. Falta-lhes tempo para cuidar de si, tempo para viver a própria vida e definir suas escolhas no âmbito das estruturas capitalistas dentro das quais se encontram entrincheiradas. Assim, não dispõem do tempo necessário à fruição do belo e da arte, em geral.

Por todas essas razões, a literatura escrita por mulheres negras merece nossa melhor atenção. Ignorar essa literatura - e essas mulheres - é admitir a história única do autor branco. Ler essas mulheres e estudar seus textos literários é garantir-lhes o direito básico de existirem como mulheres e como escritoras. É arrancá-las da invisibilidade a que a “história oficial” as condenou. É dar-lhes o mérito de se haver lançado abertamente num campo que sempre as rejeitou, quase as eliminou.

Histórias da África e do Brasil: contos de escritoras negras

Insubmissas lágrimas de mulheres (2011), livro de contos de Conceição Evaristo, chama atenção desde o título, que bem anuncia lágrimas, mas esclarece: são insubmissas e de mulheres. Desobedientes. Inconformadas. Independentes. Lágrimas de mulheres. Esse é o tema que se vai configurando à medida que a obra se faz. É um livro bem realista. À primeira vista, o leitor pode sentir-se desconfortável diante da crueza com que as histórias são narradas. Mas, avançando na leitura, compreenderá que são histórias que exigem uma linguagem direta e objetiva. Pode também ficar em dúvida acerca dos referenciais que vai encontrando nas histórias narradas, questionando se o

texto é de ficção ou se as histórias aconteceram de fato, isto é, em que medida estariam definidas no texto ficcional de Conceição Evaristo as dimensões que separam a literatura da experiência histórica vivida pelas mulheres negras, uma vez que valoriza a linguagem coloquial.

Os treze contos do livro são sobre mulheres negras e intitulados com o nome das protagonistas. São elas que contam suas histórias a uma narradora, que as transmite conversando o tempo todo com o leitor. Explicando, por exemplo, que fez andanças procurando histórias de mulheres, histórias que nunca teriam sido ouvidas ou imaginadas para nenhum personagem. Contudo, não se trata de uma narradora onisciente, é apenas alguém que ouviu as histórias e passa a contá-las. Seu saber limita-se, portanto, àquilo que lhe foi narrado. A verdade dos fatos não pertence a ela, mas a quem lhe contou a história. As marcas de oralidade do texto chegam a dar ao leitor a impressão de estar “ouvindo” as próprias mulheres, fazendo-o se esquecer de que está no registro da escrita. Ele é guiado pela mistura de todas essas vozes no livro. Cada conto é uma história inédita e independente das outras, todas protagonizadas por mulheres negras.

Nesse sentido, o universo feminino de *Insubmissas lágrimas de mulheres* é composto por uma diversidade de mulheres negras e traz à luz temas diversos, por meio de suas personagens: a artista, a bailarina, a deficiente visual, a homossexual, a professora, a empreendedora, a jovem, a velha, a mãe que ama demais seus filhos e aquela que não ama. Com isso, o livro permite que o leitor disponha dos sentimentos mais íntimos dessas mulheres, como se fossem seus. E tenha em mãos uma narrativa que coloca em circulação novas formas de representação das mulheres negras, ausentes no cânone literário, ampliando, assim, o leque de protagonismos da literatura.

Os contos dão indícios de uma memória circunstanciada, que deve ser entendida a partir de práticas do mundo social com as mulheres negras. São elas que comunicam e refletem a experiência transmitida em cada narrativa.

O ponto de vista do texto é sempre delas. São elas que, do lugar onde sempre viveram ou viajando ao passado, contam histórias para enriquecer a experiência do mundo com seu conhecimento sobre as condições em que viveram e as lições que aprenderam. São mulheres que sabem dar conselhos (BENJAMIN, 1994, p. 198). Mulheres que venceram obstáculos à sua realização plena e à sua autonomia, erigidos não somente pelo patriarcado, mas também pelo racismo. Em suma, o livro representa fatos importantes da vida de mulheres negras que serviram para constituir a história que contam, atualizando presente e passado e reelaborando vivências.

A autora, Conceição Evaristo (2003b), esclarece que as escritoras negras buscam sempre inscrever no *corpus* literário brasileiro imagens de uma autorrepresentação, resistindo a vários estereótipos e representando corpos de mulheres negras que não são apenas descritos, mas antes de tudo vividos. Resignificando, assim, o corpo negro feminino que passou pela coisificação e pela mutilação, primeiro pela violência escravocrata, depois pela violência midiática de hipersexualização dessas mulheres. Conceição diz que, para ela, escrever é uma espécie de vingança, um modo de ferir o silêncio imposto historicamente às mulheres, e aos negros.

Já o livro *Malungos e milongas*, de Esmeralda Ribeiro (1988), traz um único conto dividido por subtítulos, em dez pequenas partes. Trata-se da história de quatro irmãos - Carlos Gabriel, Marta, Mauro e Ruth - que viviam juntos em grande harmonia até surgir a possibilidade de uma promoção para apenas um deles, na empresa em que todos trabalhavam. A ambição de conquistar o prometido lugar de gerente e a possibilidade de ganhar mais dinheiro levam a irmandade a um processo de deterioração dos vínculos. O poder, ou a sua possibilidade, fala mais alto do que os anos de afeto e cooperação entre eles. A promoção anunciada era uma estratégia do presidente da empresa, que não queria mais ver “aqueles pretos trabalhando juntos” (RIBEIRO, 1988, p. 13). O chefe desses irmãos tampouco estava satisfeito com eles trabalhando

harmoniosamente, sem brigas. Intrigavam-no a amizade e a união entre eles. Ele também se ressentia de haver sido rejeitado por Ruth quando a assediara no ambiente de trabalho. Não acreditava que uma “negrinha” pudesse resistir às investidas de seu chefe. Mas Ruth lhe disse “não”. Na cabeça do racista não foi possível compreender uma negra recusar as investidas de um homem branco como ele.

Esse é o enredo do pequeno conto, uma narrativa que ajuda a refletir sobre os laços de irmandade entre negros, consanguíneos ou não, e sobre o esfacelamento desses laços. Os irmãos negros do conto eram “[...] muito ligados como se fossem filhos de um mesmo orixá” (RIBEIRO, 1988, p. 14), mas foram separados por milongas de brancos. Um dos irmãos, Carlos Gabriel, informa o leitor de que essa separação se deve ao “[...] esfacelamento que sempre acompanhou a nossa raça” (RIBEIRO, 1988, p. 44), lançando, assim, uma crítica à figura do negro como objeto a ser usado, explorado e xingado pelos brancos.

Autorizados pelo título do conto, lemos a sua narrativa como uma representação do povo da diáspora negra, separado por homens escravocratas que usaram de toda astúcia para transformar pessoas em mercadorias. Como consta no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001, p. 1824/1924), *malungos* são companheiros que participam das atividades, das amizades e do destino de outros, sendo ainda o modo como os escravos designavam os que vieram da África no mesmo navio; *milongas* são feitiços, mentiras, mexericos, fofocas e intrigas lançadas por alguém que tem a habilidade de enganar. Hoje sabemos que foram muitas milongas difundidas para sustentar a ideia da superioridade dos brancos. Dos negros, sempre se disse que são indolentes, preguiçosos e violentos. Portanto, o título é uma síntese do conto inteiro e, de certa forma, da vida dos negros na diáspora, em geral, e no Brasil, em particular.

Na orelha do livro, a autora fala do sentimento de solidão que sempre sentiu ao habitar um mundo tão branco à sua volta, quando apresenta alguns

dados biográficos. É uma solidão estreitamente ligada à *solidão da mulher negra*, efeito do racismo e de seus sentidos e significados na vida de mulheres, que são diuturnamente agredidas com a hiperssexualização de seus corpos e tidas como inapropriadas para serem amadas, para casarem e/ou constituírem família,⁵ posto que a maioria dos homens brancos as vê apenas como objeto sexual e possíveis provedoras de filhos negros indesejados por eles, e homens negros muitas vezes são encorajados a se casarem com mulheres brancas para “clarear” sua família, seguindo, dessa forma, os preceitos da branquitude. Destarte, Esmeralda Ribeiro fala da importância dos laços de solidariedade entre os negros para vencer as feridas ainda abertas pelo racismo. Finalmente, revela a intenção desse seu primeiro conto: fazer ressoar entre negros e não negros a importância da solidariedade entre seres humanos.

Ninguém matou Suhura: estórias que ilustram a História (2009) foi também o primeiro livro publicado por Lilia Momplé. Na contracapa desse livro há o lembrete de que “a liberdade nunca é voluntariamente concedida pelo opressor; deve ser exigida pelo oprimido”, atribuído a Martin Luther King e que soa como uma espécie de iniciação aos leitores dos contos. Percebemos que há no livro uma pergunta insistente que se faz desde o título: quem matou? De alguma maneira, essa pergunta subjaz a todos os contos, na leitura que fizemos do livro. Para nós, essa é uma questão trabalhada do interior para o exterior do texto. É como se preexistisse ao ato de escrever os contos, como se, submetido à forma que assume, o livro se movesse implicitamente nela e, assim, conduzisse o leitor a uma inquietação. Há um estado de tensão persistente na leitura de todas as narrativas.

Os contos de *Ninguém matou Suhura* (2009) giram em torno de situações opressivas do tempo colonial em Moçambique, as quais denunciam a exploração de seres humanos e de riquezas materiais do país, típica do colonia-

5 Há uma discussão mais profunda sobre a solidão da mulher negra em Claudete Souza (2008) e no texto “Eu mereço ser amada” da poeta Livia Natália. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/eu-mereco-ser-amada/>>. Acesso em: 28 dez. 2018.

lismo português em África. A obra parece querer tirar do esquecimento toda a opressão sofrida pelos autóctones lembrando, por meio da ficção, daquilo que aconteceu. Para isso, descreve as circunstâncias e os fatos da narrativa, mas sem explicações, o que obriga o leitor a apoderar-se atenciosamente da matéria de sua leitura (BENJAMIN, 1994, p. 221). Em todos os contos, estão presentes o colonialismo em África e as condições de vida miseráveis da população colonizada, representando muitos e diferentes efeitos da colonização no colonizado, no colonizador – e também no leitor. Dessa forma, podemos considerar o livro como uma resposta criativa da autora ao colonialismo português em África, em defesa da dignidade do colonizado.

O livro de contos *As andorinhas*, de Paulina Chiziane (2013c), é dedicado a seu pai, Ricardo Chiziane. Homenageando-o, a escritora presta também uma grande homenagem à cultura chope e a seu país, Moçambique. A epígrafe já esclarece muito da motivação de sua escrita: a autora informa o leitor de que foi embalada pelo pai com hinos de liberdade. Conta que um dia o pai reuniu todos os filhos e disse: “da pobreza de nossas vidas, nascerá a grandeza de nossas almas”, ou na língua dos chopos: “Thomba ngu wussiwana”. Essas palavras são um ensinamento do pai aos filhos, que ganham a posterioridade abrindo o livro de contos da filha. *As andorinhas* é uma trilogia que traz histórias de pessoas importantes no contexto moçambicano, a saber: Mudungazi Ngungunhane, último imperador do Reino de Gaza, que resistiu à ocupação colonial portuguesa; Eduardo Mondlane, primeiro presidente da Frelimo e símbolo do nacionalismo moçambicano; e Maria de Lourdes Mutola, atleta campeã nos jogos olímpicos de Sydney, em 2000, ou seja, trata-se de fatos reais imersos em alguma ou às vezes num bocado de ficção, como costuma dizer Paulina.

De modo geral, em *As andorinhas*, Paulina narra fatos da história recente de Moçambique. Não se importando se a história oficial os considera grandes ou pequenos, mas para ela é preciso que sejam contados. Há em suas

histórias um balanço de tudo o que aconteceu. Como escritora, cumpre sua tarefa de “escovar a história a contrapelo”, pois “fatos” nada são além de camadas que apenas à investigação mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação (BENJAMIN, 1994). Adotando o conto como forma, o livro aproxima o leitor do passado soterrado do colonialismo em África e da luta por sua libertação. Tomando o ponto de vista de uma mulher negra moçambicana, Paulina conta o que aconteceu, com a autoridade de alguém que fala do passado como quem o conheceu de fato. Suas reflexões partem sempre da preocupação com a tradição dos oprimidos.

O leitor é convidado a pensar sobre acontecimentos que favoreceram todos os senhores herdeiros das injustiças da história. Ora, todos sabemos que aqueles que dominam em dado momento são herdeiros de todos os que venceram antes (BENJAMIN, 1994). Paulina o compreende bem. Como escritora, lança mão de recursos que aproximam o leitor da realidade histórica e social de seu país, sem que seja a própria realidade; não dá explicações, deixando o leitor interpretar livremente a história. Ousa incluir palavras *bantu* no texto escrito no português herdado do colonizador.⁶ É ótima contadora de histórias. Gosta de ser apresentada assim e do mesmo modo se aproxima da figura do *griot*,⁷ o guardião da memória do povo de sua tribo, passando conhecimento adiante e preservando a memória coletiva, pois como escritora tem interesse em descolonizar as mentes de seus leitores.

Com muitos elementos da cultura oral dos chopos, esses contos – especialmente o primeiro e o segundo – fazem ressoar a voz dos subjugados, preservando a dignidade das personagens, sem apresentá-las como vítimas indefesas. Seus narradores partilham com o leitor experiências de vida e mor-

6 Não podemos nos esquecer de que o português foi imposto aos nativos pelo colonizador, que não permitia o uso da língua materna dos lugares para evitar o pluralismo religioso e impor o poder colonialista.

7 Na cultura africana, o termo *griot* pode ser entendido como um contador de histórias. É uma função social do ancião de uma tribo, dotado de sabedoria e capacidade de transmitir conhecimento. É o responsável pela manutenção da tradição oral dos povos africanos (MELO, 2009).

te, desejo de liberdade e aspirações de futuro. No enredo, figuram-se realidades que se querem diferentes e autônomas, alheias a um modelo hegemônico e dominador que se quer. No nível da linguagem, justapõem-se a língua *bantu* e o português do colonizador. O olhar e a memória da escritora se dirigem ao revés da história “oficial”, usando da ficção para recontar essa história a seu modo, interpretando os fatos a sua maneira – como uma moçambicana que viveu a colonização.

Em depoimento para minha pesquisa, Paulina Chiziane afirmou que não poderia falar de si sem falar do colonialismo, do racismo e do sexismo. Seus contos de *As andorinhas* tratam também disso tudo. Aí, enxergamos que Paulina é uma escritora enraizada no povo. Segundo Walter Benjamin (1994, p. 214), o grande narrador tem sempre suas raízes no povo, sobretudo nas camadas artesanais. A fonte primordial da escrita de Paulina é, sem dúvida, a oralidade, sempre inspirada na cultura dos chopes. Ela ouvia muitas histórias contadas pelo pai e pela avó em volta da fogueira, evento que faz parte da tradição dos chopes. Hoje, escrevendo na língua do colonizador, subverte a estética, a forma e a temática da literatura em língua portuguesa, resistindo como escritora.

Dos contos aos depoimentos

Em seu depoimento, Conceição Evaristo faz um alerta à consciência das feministas: para que se considere o racismo e a pobreza na pauta feminista. Afinal, a experiência da dor do racismo e da pobreza inscreve-se com força nas representações e nos afetos do aparelho psíquico das mulheres negras, em suas lembranças, em sua literatura, em sua luta feminista, enfim, em sua vida e sua labuta cotidiana. A escritora explica que, muitas vezes, mulheres negras não se dizem feministas porque não se sentem representadas nas lutas de mulheres brancas. Ela entende que o movimento feminista ainda tem que

avançar muito nas questões de raça e de classe, e que precisa do saber das mulheres negras para fazer avançarem as lutas feministas de fato.

Como escritora, compreende que a questão racial informa mais do que a questão de gênero. Sabe dos julgamentos que sua escrita enfrentou e ainda enfrenta em virtude da geografia de seu corpo negro. Em mesas literárias com escritoras brancas, não se sentiu acolhida como semelhante, como mulher, mas discriminada como negra. Muitas vezes, invisível a homens e mulheres escritores como ela, que não lhe dirigiram a palavra nem o olhar de reconhecimento. Portanto, não se trata apenas da questão de gênero, mas especialmente do *racismo estrutural*, que impõe às escritoras negras uma dupla discriminação, basta atentarmos para as desigualdades de inserção social a partir do gênero.

Segundo Evaristo, a literatura a salvou de muitas coisas, inclusive da loucura. Ela reitera que a sua literatura tem muito mais a ver com dor do que com alegria. Parece triste com essa constatação, mas sabe que não é fácil manter a sanidade diante de tanta invisibilidade e tanto sofrimento. Conceição lamenta que existam poucas biografias de mulheres e menos ainda de mulheres negras ou de homens negros. Pensa que isso se deve ao fato de que a vida dessas pessoas nunca foi considerada exemplar. Todos perdemos muito com essa escassez, e é preciso fazer justiça social a essa gente, colher seus testemunhos para que não se perca o tesouro comum de sua memória coletiva. Afinal, quando registramos a vida dessas pessoas, temos em cada memória individual um ponto de vista sobre a memória coletiva, como sempre nos ensinou Ecléa Bosi (1994).

Evaristo afirma ainda que sua literatura resguarda o projeto político de dar a ver a condição dos negros na sociedade brasileira, pois sua sensibilidade de escritora não abandona sua preocupação social e política. Diz que seu projeto literário é aproximar a oralidade da escrita e, para tanto, cunhou o termo *escrevivência*. Considera que sua criação literária se deve às vivências

e experiências que tem de mulher e de negra e que, como escritora, conseqüentemente, leva ao texto sua experiência de mulher negra numa sociedade de classes. Ela enfatiza na entrevista que não faz literatura para adormecer a casa grande, mas para acordá-la em seus sonhos injustos.

Já Esmeralda Ribeiro afirma em seu depoimento que a vida a preparou para lidar com o racismo. Desde a infância, viveu o que ela chama de “pistas” da violência exercida contra negros pela hierarquia racial. Ela considera que existiram duas Esmeraldas: uma antes e outra depois de entrar na faculdade. Antes, ela vivia numa espécie de redoma que a impedia de dimensionar preconceitos e discriminações que lhe aconteciam. Não dispunha de instrumentos de interpretação dos mecanismos da violência racista sofrida na família, no trabalho e na vida social. Por isso, ao olhar em retrospectiva, sentiu-se alienada da realidade de seu corpo e de sua história étnica e pessoal. Segundo ela, antes não se sabia negra nem tinha um discurso sobre si mesma. Portanto, antes não vivia a realidade de seu corpo e da sua identidade negra, depois tomou consciência disso.

A autora lembra que, antes de conhecer outros negros politizados, dentro e fora da faculdade, era uma Esmeralda que não tinha consciência racial, que não conseguia traduzir a discriminação e o preconceito sofridos por causa da cor de sua pele ou de sua classe social. Tinha baixa autoestima, sentia-se desprezível, menor, diferente de todos. Desejou não ser “tão negra”, não ter o nariz “tão chato”, como se fosse teleguiada por forças que conduzem os negros a adotarem os estereótipos do olhar viciado do branco sobre eles. Ou seja, deixou-se conduzir pelo estoque de atributos físicos e valores morais que a cultura brasileira põe à disposição dos sujeitos. Na nossa sociedade, o belo, o bom, o justo e o verdadeiro sempre foram histórica e culturalmente atribuídos aos brancos, e isso leva muitos negros a recusarem, negarem e anularem seu próprio corpo. Ora, sabemos o quanto é brutal ser negro numa sociedade que desvaloriza sistematicamente os elementos físicos, culturais, históricos,

religiosos e comportamentais de sua população negra. No campo da psicanálise, Neusa Santos Souza (1983) já nos alertou para o alto custo emocional da sujeição, da negação e do massacre da identidade histórico-existencial do negro no Brasil.

Ribeiro explica em seu depoimento a literatura negra em termos da história que a produziu, diretamente ligada às condições materiais da população negra, à oralidade e linguagens da vida cotidiana dos negros brasileiros. A escritora afirma que assumir textos ficcionais como literatura negra é questão de escolha política, tem prós e contras, e ela sabe do perigo que isso implica. É como assumir-se negro, diz ela. Para Esmeralda, representar a mulher negra na literatura é demarcar território num ambiente tão disputado como é o universo literário. Logo cedo, ela começou a perceber que a maneira como escritores brancos - e também negros - falavam sobre mulheres negras levava essas mulheres a ocuparem sempre o lugar de objeto na literatura, pois, na maior parte das vezes, portavam descrições físicas e opiniões masculinas sobre essas mulheres, sem aprofundamento no plano psicológico, sempre com ênfase na sensualidade dos corpos negros femininos. Passou, assim, a reivindicar o lugar de fala da escritora negra dentro da literatura negra e, por meio dessa escrita, tencionava traduzir o pensamento, os sentimentos, os desejos e as angústias de mulheres negras. Deseja, portanto, uma literatura que coloque a mulher negra no centro do debate, não apenas como personagem, mas também como escritora. Literatura, para ela, é compromisso social e engajamento político. Ela se define como uma ativista literária.

Já Lília Momplé afirma na entrevista que cada livro seu tem uma motivação. A de *Ninguém matou Suhura* foram as injustiças que presenciou no período colonial de seu país. Ela viu de perto muitas injustiças cometidas contra mulheres negras, as quais considera as maiores vítimas desse regime. Momplé é uma escritora enraizada na cultura macua de Moçambique. Praticamente toda a sua vida moral, espiritual e intelectual foi construída por sua

inserção na cultura macua da avó e na coletividade moçambicana, na qual foi educadora e desenvolveu sua vocação literária. É em Moçambique que tem suas raízes, lá ela se sente em casa. Ela diz que realmente se alimenta das tradições de seu país e do seu povo: dos contos macuas, da música, da literatura e da pintura moçambicana. E que, com seus livros, apresentou seu país a muitos estrangeiros que foram viver ali e também àqueles que queriam apenas conhecer um pouco melhor o lugar onde estavam.

Momplé fala em seu depoimento que nunca se considerou uma escritora negra, mas uma escritora. O fato de ser mulher também nunca foi um problema para ela. Diz que nunca sentiu, da parte dos colegas escritores, nenhum tipo de discriminação, diferentemente do que revelaram as outras três escritoras entrevistadas para a pesquisa. Pelo contrário, ela afirma que sempre foi muito “mimada” por todos eles. Ora, estes “mimos” também podem ser interpretados como forma recorrente de infantilização da mulher, tratada como diferente, inferiorizada. Em contraste, no meio literário português ela sente que é considerada uma escritora da periferia, revelando que o fato de ser africana, moçambicana, faz com que o campo literário português veja sua criação literária com certo desdém – sente que seus livros suscitam alguma dor nos portugueses e reconhece que de fato não devem ser agradáveis para eles. Diz que aborda temas controversos, que os portugueses não gostam de ver na literatura. Ela acha que a opressão e a injustiça são mesmo temas que mexem com o imaginário das pessoas, e que lhe interessa discutir tudo isso na literatura.

A moçambicana Paulina Chiziane vai e volta aos abismos de sua negritude, de sua feminilidade e de sua moçambicanidade na entrevista que me concedeu. Ouvindo suas lembranças, percebemos que o colonialismo insiste em vir-lhe à memória, com as feridas abertas e que ainda sangram da violência que sofreu do colonizador branco. Ela se esforça para trazer outras recordações para sua fala, mas logo associa essas lembranças à brutalidade da

colonização portuguesa em seu país. Na memória de Chiziane, o colonialismo surge como marca indelével em sua vida. Ela é incisiva ao afirmar que jamais falará de si sem falar do colonialismo português.

Assim, entendemos que falar e lembrar do colonialismo significou, para ela, sua saída do lugar de objeto, que a todo colonizado foi imposto naquele momento, para o lugar de sujeito histórico, com direito a ter sua memória e lugar de fala para contar sua história, dando sua versão dos fatos. Ficou gravado em sua memória a força policial e a violência dos colonos portugueses contra os moçambicanos, e ela precisou registrar isso em seu depoimento. Vale assinalar que Chiziane não foi mera testemunha ocular da violência absoluta do sistema colonial português: Paulina apanhou de um colono branco comerciante de seu bairro, que nem considerou que se tratava de uma criança indo à escola, pelo simples fato de ser negra. O corpo negro infantil agredido na sua integridade física, além da moral.

Certamente, a história psicológica, afetiva e biológica de Paulina Chiziane está profundamente ligada ao contexto histórico, social, cultural e político em que ela nasceu, cresceu e viveu, como qualquer um de nós. Entretanto, no seu caso, os signos da violência colonial, do sexismo e do racismo aparecem em sua fala como verdadeiras cicatrizes. Ela não esqueceu o racismo que sofreu no tempo colonial, e parece que a atmosfera sangrenta e impiedosa do colonialismo não cessa de persegui-la, mesmo nas lembranças de sua infância, e que é elaborada na sua criação literária.

Paulina Chiziane lembra muitas formas de opressão e exploração das mulheres em seu depoimento; por exemplo, sua servidão a pais, irmãos, maridos e filhos. Uma servidão institucionalizada a ponto de, em Moçambique, até a rádio dos revolucionários, de inspiração socialista, incentivar e financiar aulas de “lavouras femininas” para ensinar as meninas a serem boas mães e donas de casa. É significativo Chiziane dizer que não gostava de tarefas domésticas ou de atividades como bordado e crochê. Do fio de memória puxado

para lembrar a preparação – quase obrigatória – das mulheres para o casamento, ela vai diretamente para sua formação política, que se inicia ouvindo em casa a rádio “A Voz da Frelimo”.

Assim, aos poucos, ela vai sinalizando que teve uma formação humanista, com base especialmente em intelectuais marxistas, e especialmente autores antirracistas e antissexistas. Segundo ela, ouvindo “A Voz da Frelimo”, ela vai se dando conta também da experiência vivida pelas mulheres em sua cultura, bem como de seu *status* inferior e da dominação-exploração a que são submetidas pelo patriarcado. Percebemos nas palavras e na criação literária de Chiziane a importância de uma luta especificamente feminista contra os valores patriarcais, luta que se não deve confundir com contraposição aos valores socialistas, no plano da luta de classes (BEAUVOIR, 1975). Em sua trajetória de vida, Chiziane parece ter compreendido que se devem levar concomitantemente essas duas lutas.

À guisa de conclusões

Concluindo, pensamos que a verdade é que a literatura de mulheres negras permitiu a essas mulheres mover-se do lugar de rejeitadas, estigmatizadas e marginalizadas da literatura “oficial”, passando a protagonistas e tendo preservado sua integridade e subjetividade. Para elas, faz muita diferença dizer a cor e o gênero dos personagens, pois raça e gênero importam não como conceito da biologia, mas como categoria política. Kabengele Munanga (1998) concorda que é incorreto afirmar que o preconceito contra o negro é um problema social, e não racial. Para ele, o problema do racismo está na crença, amplamente difundida, da superioridade do branco e da inferioridade do negro. Isso instala entre negros e brancos um abismo vinculado a uma hierarquia, de modo que ver o negro como inferior implica um compromisso com a dominação. Assim, a originalidade da literatura feita por mulheres ne-

gras está em não aceitar a fixidez dos estereótipos estabelecidos para o corpo feminino negro, anunciando existências negras fora do lugar fixo de trabalhos subalternos e de obediência, e da sensualidade exacerbada, dando mais atenção a aspectos psíquicos e a concepções de subjetividades e, finalmente, abordando o insólito da existência dos negros. Nisso há, sem dúvida, um posicionamento político das escritoras.

Segundo Eagleton (2006, p. 294), não há necessidade de levar a política ao âmbito da literatura, pois elas estão juntas há muito tempo. Por *político*, ele entende o modo como organizamos conjuntamente nossa vida social e as relações de poder que isso implica. A literatura é política, isso é fato; o que é realmente questionável é a natureza de sua política, que muitas vezes reforçou os interesses de grupos específicos de pessoas em muitos momentos da história, o que acarretou, durante muito tempo - e ainda hoje - a exclusão de mulheres e negros do cânone literário e impulsionou as narrativas de homens e brancos.

É forçoso admitir que a literatura, em seu conteúdo político, contribuiu significativamente para a inscrição tanto da mulher como do negro como um *estranho inferior*.⁸ Afinal, ela reflete os valores de um sistema econômico, social e político que subordina a sociabilidade de homens e mulheres, negros e brancos. Muitas vezes, ao invés de desafiar, ressaltou os pressupostos desse sistema [de poder] que elege o homem e o branco como seus representantes legítimos. Portanto, compreender as relações complexas e indiretas entre obras literárias e o mundo ideológico em que elas habitam, com a clareza do papel que elas desempenham na sociedade como um todo, nos leva a ver a importância da literatura feita por mulheres negras nas sociedades capitalistas e patriarcais.

⁸ Para Freud (1996c), sentimos como estranho aquilo que se nos assemelha e que tememos reconhecer em nós mesmos. O outro (estranho) é intimamente familiar, mas o negamos ou insultamos por medo de ver no outro o que é reconhecidamente nosso. O familiar é tornado estranho e, assim, projetado no outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, C. N. O perigo de uma única história. *TED – Ideas worth spreading*, 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wQk17R-PuhW8>>. Acesso em: 9 jan. 2018.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. 3. ed. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016a, v. 2.

_____. *O segundo sexo*. 3. ed. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016b, v. 1

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994 [1936].

CHIZIANE, P. *As andorinhas*. Lisboa: Caminho, 2013c.

COLLINS, P. H. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, p. 99-127, jan./abr. 2016 [1986]. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00099.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

_____. Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão. In: MORENO, R. (Org.). *Reflexões e práticas de transformação feminista*. São Paulo: SOF, 2015. (Coleção Cadernos Sempre viva. Série Economia e Feminismo, 4)

DAVIS, A. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DICIONÁRIO Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

EAGLETON, T. *Marxismo e crítica literária*. Trad. Matheus Corrêa. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

_____. *Teoria literária: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

EVARISTO, C. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Rio de Janeiro: Malê, 2011.

_____. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA, 1, 2003, João Pessoa. *Anais...* João

Pessoa: UFPB, 2003b. Disponível em: <<http://nossaescrevivencia.blogspot.com.br/>>. Acesso em: jan. 2018.

HOOKS, B. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, DF, n. 16, jan./abr. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522015000200193>. Acesso em: 11 jan. 2018.

MELO, M. C. V. A figura do griot e a relação memória e narrativa. In: LIMA, T.; NASCIMENTO, I.; OLIVEIRA, A. (Orgs.). *Griots culturas africanas: linguagem, memória, imaginário*. Natal: Lucgraf, 2009, p. 148-156.

MOMPLÉ, L. *Ninguém matou Suhura*. Maputo: Associação dos Escritores Moçambicanos, 1988.

MUNANGA, K. Teoria sobre o racismo. In: _____; *et al. Racismo: perspectivas para um estudo contextualizado da sociedade brasileira*. Niterói: Eduff, 1998.

_____. *Negritude - Usos e sentidos*. São Paulo: Ática, 1988.

RIBEIRO, E. *Malungos e milongas*. São Paulo: Edição da Autora, 1988.

SAFFIOTI, H. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SANTOS, N. S. *Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SOUZA, C. A. S. *A solidão da mulher negra: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

WOOLF, V. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Trad. Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2015.

_____. *Um teto todo seu*. Trad. Bia Nunes de Sousa e Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

Submissão: 28/12/2018

Aceite: 28/12/2018